

“CONFÚCIO E O MENINO SEM NOME”: INTERTEXTUALIDADE E ADAPTAÇÃO¹

Márcia Schmaltz*
Universidade de Macau

Resumo: Em 2005, Sérgio Capparelli encontrou Márcia Schmaltz no metrô de Pequim e propôs traduzirem juntos narrativas chinesas para crianças e jovens. Deste encontro, resultou numa coleção de mais de duas centenas de contos, que foram parcialmente publicados em *50 fábulas da China fabulosa* (CAPPARELLI; SCHMALTZ, 2007) e em *Contos sobrenaturais chineses* (SCHMALTZ; CAPPARELLI, 2010). Neste artigo são apresentadas algumas reflexões a partir da pesquisa bibliográfica para a preparação desses textos de partida. A primeira refere-se à influência das doutrinas filosóficas da cultura tradicional para a produção literária chinesa, que tem na função educativa uma de suas características proeminentes. A segunda, interrelaciona conceitos literários como prosa ficcional, literatura infantil e intertextualidade nos diferentes sistemas culturais envolvidos, que devem ser levados em conta pelo tradutor. A terceira, é relativa ao processo de reconstituição da narrativa “Confúcio e o menino sem nome” e aos textos alusivos a esse encontro. Finalmente, a quarta

* Possui graduação em Língua e Literaturas de Língua Portuguesa pela Faculdade Porto-alegrense de Educação, Ciências e Letras (2001), mestrado em Estudos da Linguagem, com ênfase em Aquisição da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2005) e doutorado em Linguística pela Universidade de Macau (2015). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Aquisição da Linguagem e Tradução, atuando principalmente nos seguintes temas: chinês, linguística cognitiva, aquisição da linguagem, tradução chinês-português e ensino. Taipa, Macau, China. E-mail: schmaltz.marcia@gmail.com



reflexão focaliza-se na tradução. Nela são discutidas as decisões tomadas, tendo em conta os aspectos intrínsecos do texto de partida no sistema cultural chinês para sua transposição ao sistema da cultura-alvo.

Palavras-chave: Tradução chinês e português. Literatura infanto-juvenil. Cultura chinesa. Filosofia chinesa.

“CONFUCIUS AND UNNAMED BOY”: INTERTEXTUALITY AND ADAPTATION

Abstract: In 2005, Sergio Capparelli met Marcia Schmaltz in a Beijing subway and invited her to co-translate Chinese tales for children and youngsters. This meeting resulted in a collection of over two hundred short stories, which were partially published in *50 Fables of Fabulous China* (Capparelli; Schmaltz, 2007) and in *Chinese Supernatural Tales* (Schmaltz; Capparelli, 2010). In this paper, I present some reflections originated from the bibliographical research about the preparation of those source texts. The first reflection focuses on the influence of the philosophical doctrines of the traditional culture for the Chinese literary production, which has on education one of its main roles. The second one combines literary concepts such as prose fiction, children’s literature and intertextuality in the different cultural systems involved, which must be taken into consideration by the translator. The third one refers to the re-constitution process of the tale “Confucius and unnamed boy”, and to the texts referring to this tale. Finally, the forth reflection is about the translation process. In this part, we discuss the decisions which were made, taking into account the intrinsic aspects of the source texts in the Chinese cultural system for its transposition in the target culture system.

Keywords: Chinese into Portuguese translation. Chinese children’s literature. Chinese culture. Chinese philosophy.

Histórias infantis é um gênero da Literatura, escrita por uma imaginação fértil e fantasiosa para refletir sobre a vida e com finalidade educacional para as crianças.

(verbete “Histórias infantis”, na enciclopédia chinesa *Cihai*).

Introdução

Ao percorrer bibliotecas e livrarias para a seleção de contos infantojuvenis representativos da China para a tradução em língua portuguesa, observei que, entre os títulos disponíveis, há um grande número que privilegia mais as narrativas com finalidade educativa do que aquelas libertadoras da imaginação da criança, o que faz jus à epígrafe. O termo “educativo” é aplicado a um texto que visa a educação moral das crianças, a seu regramento social. Essa situação pode ser justificada quando se relaciona a literatura infantojuvenil com uma cultura alicerçada em um rígido código moral que, mesmo com todas as transformações ocorridas no último século, ainda não conferiu espaço à criança (SCHMALTZ 2008).

A fim de contextualizar a tradução do conto “Confúcio e o menino sem nome” (SCHMALTZ; CAPPARELLI, 2010), este artigo inicia por descrever algumas bases da cultura tradicional chinesa, particularmente sobre o confucianismo, naquilo que pode ser inter-relacionado ao sistema cultural, ao papel da criança e da literatura. Na segunda seção, é apresentado o trabalho de pesquisa bibliográfica em busca do “original”. Aqui os conceitos da prosa ficcional e da intertextualidade são discutidos a partir da constatação da existência de paratextos envolvidos no texto de partida. Na terceira seção, são expostas as estratégias levadas a cabo para a tradução e para a adaptação do conto e, ao final, são apresentadas algumas conclusões.

1. A cultura tradicional chinesa, o papel da criança e o sistema literário

A cultura tradicional chinesa é o resultado da sincretização de escolas de pensamento surgidas ao longo dos séculos V-III a.C., conhecidos como o período das Cem Escolas [诸子百家 *zhuzi baijia*], que envidavam esforços no convencimento dos então príncipes feudais para adotarem os seus preceitos de governo. Importante notar, porém, é que todas as doutrinas conferiam valor à sabedoria e o que as distinguiam era os meios para obter o conhecimento. Duas doutrinas se destacam, conforme Granet (1997, p. 21), “a que se qualifica de taoísta e a que reivindica a autoridade de Confúcio². Todas as duas têm a ambição de constituir uma ortodoxia [...] assinalada por uma pretensão de Sabedoria simbolicamente universal e exclusiva.”

Em alguns períodos da história chinesa, os governantes e a elite adotaram a doutrina confuciana de maneira ortodoxa, que “se utilizava das vozes racionais e sensatas de imperadores ancestrais para explicar a necessidade da honestidade, da praticidade e do respeito à hierarquia social” (ZHANG, 1989, p. 85), começando desde muito cedo a construir uma barreira à imaginação e dirigindo a mente infantil a se fixar na realidade, isolando-a do selvagem primitivo, da mitologia, das lendas e da ideação. Nos *Analectos* (7.20) afirma-se que “Confúcio não fala do sobrenatural, de absurdos e de coisas heterodoxas”³. Muitos estudos da área da literatura infantil chinesa sugerem que esse axioma seria o responsável pela repressão à imaginação, à paixão e à ingenuidade. Tian e Guo, inclusive, sugerem que “durante longo tempo não se observou uma produção infantil genuína e caso caísse alguma semente nessa terra, dificilmente vingaria, pois não encontraria terreno para se desenvolver.” (TIAN; GUO, 2007, p. 103).

Desta forma, observa-se que a literatura chinesa se desenvolveu arraigada em uma cultura pragmática e ortodoxa, cujas transformações foram impulsionadas sobre fortes influências doutrinárias confuciana. O confucianismo soube melhor preceituar uma gama mais variada de situações de interações sociais humanas em relação

às outras doutrinas, bem como soube absorver o que lhe interessava das demais para permanecer como o detentor do *status quo*. Essa escola de pensamento creditou à educação uma importante função social e humanizadora, que cunhou pragmaticamente a integridade moral e a virtude no inconsciente coletivo chinês (GONG, 2006). Para ilustrar essa afirmação, trago as primeiras tríades de *Sanzijing* [三字经 Ode de três caracteres]: “A natureza humana é benévola e o meio induz para o mal. A educação permite distinguir entre o Bem e o Mal.”⁴ Esse poema era ensinado nos primeiros anos escolares e, além de servir ao propósito de letramento e conhecimento geral, enfatizava o ato pedagógico como estruturador da mentalidade rumo ao sentimento de humanidade, calcado em rituais de acordo com o *status* social (FAIRBANK; GOLDMAN, 2006, p. 74). Isto é, a imposição de uma hierarquia estratificada que codifica a relação social, em que preceitua a obediência filial (o respeito aos mais velhos pelos mais novos) como base para firmar o laço da lealdade por parte do subordinado ao governante, contra o qual ninguém pode se rebelar (FAIRBANK; GOLDMAN, 2006, p. 108). Por isso, em termos de *status quo*, a criança não teve lugar de destaque nesse período, porque a concepção de filialidade tinha o mais idoso como o centro e fazia com que a sociedade considerasse a criança como imperfeita, não qualificada e alvo preferencial de culturalização. Nesse contexto, o adulto teria o direito e a responsabilidade sobre a criança, o que é irrefutável dentro do axioma confuciano.

Para atingir o objetivo da ação civilizadora (GRANET, 1997), desde muito cedo a criança era moldada para se adequar às normas sociais. Eram instruídas para a ordem e para a obediência incondicional, encurtando-lhes o período infantil. Essa exigência de amadurecimento precoce da criança fez com que o inconsciente coletivo ignorasse a personalidade individual e as necessidades especiais das crianças, não produzindo uma literatura voltada a essa faixa etária. As primeiras obras infantis institucionais anteriores a época moderna como *Sanzijing* [三字经 Ode de três caracteres], *Baijixing* [百家姓 Todos os sobrenomes], *Qianziwen* [千字文 O

livro dos mil caracteres], *Youxue Qionglin* [幼学琼林 Conhecimentos elementares para crianças], *Ershisi Xiao* [二十四孝图 Os Vinte e quatro filhos virtuosos], entre outros, são livros em versos para facilitar a memorização, não voltados apenas para o letramento, mas também para a formação da consciência e do caráter moral.

Contudo não se pode ignorar a influência do daoísmo⁵ no desenvolvimento da literatura chinesa (ZHOU, 1973). Se, por um lado, a práxis confuciana é professada por histórias de condutas exemplares e ancestrais, por outro lado, a filosofia daoísta contrapunha-se a ela ao proferir “não se deve utilizar fragmentos de discursos insignificantes para obter prestígio”⁶ (ZHANG, 2008, p. 146). Dessa antítese surgiu, assim, o termo *xiaoshuo* [小说 discurso menor, bagatela], que corresponde à *narrativa ficcional*, interpretada como um gênero “menor” pela *intelligentsia*, pois argumentava “não fazer parte nem das Três Doutrinas e nem das Dez Escolas filosóficas”⁷, devido aos contadores de histórias registrarem tudo o que escutavam da boca do povo pelas ruas. Porém, apesar da ortodoxia confuciana hegemônica marginalizar a literatura oral e popular, sabe-se que essas narrativas eram contadas pelos mais velhos às crianças sob a sombra da sófora, no verão, ou ao redor do fogão, no inverno. Isto foi uma espécie de germe para a imaginação poética, o que está registrado nas biografias de escritores chineses clássicos, como Gan Bao (?286-336), Su Dongpo (1037-1101), Pu Songlin (1640-1715), entre outros.

Para finalizar esta seção, é interessante notar que, até os anos vinte do século XX, não houve uma produção literária voltada ao público infantojuvenil, em estrito senso, na China. Porém, percebe-se, ao percorrer a história da literatura chinesa, a incubação desse gênero literário nos momentos de contação de histórias. Conforme Jiang e Han (1998) e Chen (1993), a narrativa ficcional oral é datada desde antes do período dos Reinos Combatentes (475-221 a.C.), registrada nas dinastias Han (206 a.C-220), evolui durante as Seis dinastias (220-581) e atinge o apogeu na dinastia Tang (618-907). Devido à adoção do confucianismo como doutrina filosófica de governo, a narrativa ficcional e popular enfraquece nas dinastias

Song (960-1279) até meados da dinastia Ming (1368-1644), quando renasce a partir da instabilidade política.

2. Intertextualidade e dialogismo em “Confúcio e o menino sem nome”

Quando Sérgio Capparelli, escritor de literatura infantojuvenil, e eu encontramos-nos no metrô em Pequim, ele comentou que estava maravilhado pelas fábulas chinesas a que teve acesso a partir de edições inglesas, francesas e espanholas. Contudo, sentia-se frustrado por não ter acesso aos originais chineses. Propôs então que traduzíssemos em conjunto e que eu buscasse os “originais” de todas essas fábulas. Assim nasceu nossa parceria, que resultou na tradução de mais de duas centenas de estórias, que transcenderam ao gênero fabular.

A pesquisa pelos “originais”, acredito, constitui-se em atitude necessária para o leitor-escritor-tradutor confrontar ou considerar diferentes textos ou aspectos que permeiam a gênese do texto, como a garantia para a sua recriação (LIMA; ORGADO, 2011, p. 115; cf. SCHMALTZ, 2011), especialmente num sistema milenar como a literatura clássica chinesa. A investigação envolve certa complexidade e cuidado, pois as obras clássicas foram inicialmente transmitidas por via oral, o que leva à questão de se não teriam os compiladores “inventado” algo em matéria de ideias ou de “teorias” a partir do século I a.C.⁸, e isso deve ser considerado quando da busca do texto de partida pelo tradutor. Dessa forma, deve o tradutor dominar os instrumentos disponíveis para a pesquisa de fontes confiáveis, conhecer o chinês clássico e saber interpretar textos e glosas produzidas por diferentes escolas de pensamento, em diversos períodos. Enquanto que, contemporaneamente, há de se considerar, ainda, as divergências entre os estudiosos quanto às interpretações das obras, muitas vezes relacionadas à carência de informações históricas fidedignas.

Ainda há de se considerar que os textos em um sistema literário milenar, como o chinês, sejam construídos pela intertextuali-

dade, num sentido lato, “como um recorte significativo feito no processo ininterrupto de semiose cultural, isto é, na ampla rede de significações dos bens culturais” (WALTY, 2010), isto é: pela paratextualidade, a arquiteitualidade e a metatextualidade. Para o tradutor, como leitor, o processo de reconstituição do texto num dado sistema promove uma interpretação mais geral em relação ao texto em mãos, em que considera a sua relação com o tempo e o local de produção (BASSNETT-MCGUIRE, 1980/2005, p. 104).

A partir das considerações acima, observa-se que “Confúcio e o menino sem nome” é um texto ilustrativo da intertextualidade na literatura chinesa. Esta lenda popular é um registro escrito da literatura oral (WANG, 2010). O enredo envolve o encontro de Confúcio e Xiang Tuo, um menino de sete anos, que se desenvolve através do diálogo em estilo socrático entre os personagens. O conto pode remeter o leitor experiente à associação com o tipo de discurso filosófico Ocidental caracterizado pela maiêutica, que leva ou induz uma pessoa, por seu próprio raciocínio, ao conhecimento ou à solução da dúvida e, pela ironia, conduz o seu interlocutor a entrar em contradição, tentando fazê-lo chegar à conclusão de que o seu conhecimento é limitado. Ao final desse conto, devido ao questionamento pertinente do menino em relação às suas respostas, Confúcio, o sábio, reconhece-o como um prodígio e como mestre.

Essa história foi inicialmente selecionada através da tradução francesa “Le jeune maître de Confucius” em *Contes chinois, le bouvier et la tisserande* de Lisa Bresner (2000). Para a pesquisa do texto de partida recorri à biblioteca digital *Si ku Quan Shu* [四库全书 Biblioteca completa de clássicos⁹]. Ali encontrei 154 colocações em 95 livros dedicadas à Xiang Tuo. Ao refinar a busca por antiguidade, apesar de não ter localizado o texto de partida, identifiquei quatro livros em que é citado o menino numa narrativa original; isto é, do total das 154 colocações, apenas quatro são pretensamente originais quanto ao encontro de Confúcio e Xiang Tuo, enquanto as restantes são citações, alusões literárias, discursos ou derivações dessas.

A alusão ao encontro de Confúcio com Xiang Tuo mais conhecida encontra-se numa quadra de *Sanzijing* [三字经 Ode dos três ca-

racteres] do literato confuciano, Wang Yinglin (1223-1296). Como comentado na primeira seção, a obra trata de condutas exemplares e é introduzida como bibliografia de apoio ao letramento. O texto é organizado em quadras trissilábicas para facilitar a memorização. A quadra relacionada ao conto versa sobre o amor pelo saber: “na Antiguidade, Confúcio era muito estudioso, inclusive aprendeu com Xiang Tuo”¹⁰. As glosas explicam que Confúcio, mesmo com toda a sua sabedoria, nunca hesitava quando se tratava de adquirir conhecimento e procurou Xiang Tuo, menino prodígio de apenas sete anos, para aprender a tocar harpa.

Contudo, a quadra de *Sanzijing* não é a referência mais antiga do encontro e remete a fatos narrados em outros textos, como em um dos episódios da quinta estratégia do reino Qin em *Zhan Guo Ce* [战国策 Estratégias dos Reinos Combatentes]¹¹. Gan Luo, o menino prodígio do reino Qin, queria ser indicado como conselheiro em uma missão diplomática e tomou Xiang Tuo como argumento de autoridade: “Confúcio reconheceu Xiang Tuo de apenas sete anos como mestre, enquanto eu já tenho doze anos.”¹². Observe-se que o duque, *não* tendo o que contestar, designou-o para a missão. Pela estrutura discursiva do enunciado, tudo leva a crer que a figura de Xiang Tuo *já era conhecida pelos leitores*, já que não há glosas ou comentários sobre o menino neste texto.

No sétimo episódio do capítulo *Tangwen* [汤问 Perguntas de Yintang] em *Liezi*¹³, um dos clássicos daoístas datado do século III a.C., é narrado o encontro de Confúcio com dois meninos que discutem sobre quando o sol está mais próximo da Terra. O Sábio, por não saber responder, é questionado pelos meninos com “o quanto é que você sabe?”¹⁴. Esta narrativa pode ser interpretada como uma crítica daoísta ao pretensão conhecimento onisciente de Confúcio.

Outra referência encontra-se no excerto 21 do capítulo 19 “Cultivar-se” de *Huainan zi*¹⁵ [淮南子 O príncipe de Huainan]. O comentário do daoísta Liu An¹⁶ (179 a.C. – 122 a.C.) situa-se no capítulo em que dita uma espécie de receituário daoísta para se atingir a virtude, através da autocultivação. O excerto 21 é uma crítica àqueles que veneram o passado e desprezam o presente. Uma série

de exemplos são elencados, sendo o último o encontro de Confúcio com Xiang Tuo, em que o Sábio o reconhece como mestre. O que conduz ao leitor a uma possível interpretação do termo “ancião” como contradição da práxis dos seguidores de Confúcio. Vide o excerto abaixo:

Confúcio reconheceu Xiang Tuo de sete anos como seu mestre, porque havia razão naquilo que o menino dizia. Contudo, geralmente não é assim. Ao dirigir a palavra a um ancião, uma criança apenas pode esquivar-se de cajadadas, como poderá ela argumentar?¹⁷

Em coletâneas de lendas e histórias do folclore chinês, Xiang Tuo é conhecido como um dos quatro meninos prodígios do período clássico chinês. Contudo, existem divergências entre os estudiosos quanto à veracidade do encontro deste com Confúcio. Conforme o *Registro da família Xiang de Runan*, Xiang Tuo é descendente da família de agricultores Xiang de Qu Fu, província de Shandong (sendo conterrâneo de Confúcio) e nasceu em 494 a.C. Reza a lenda que o menino prodígio tornou-se afamado depois do célebre encontro com Confúcio, em que foi reconhecido como “mestre do Sábio”. Entretanto, seu renome e inteligência levaram-no à desgraça. Depois desse encontro, dizem que todos os reinos queriam-no como conselheiro. Xiang Tuo recusou a todos os convites, devido à lealdade ao seu reino. Essa decisão levou a sua morte prematura, com apenas doze anos. Conforme a lenda, depois de se esquivar aos convites, os reis vizinhos ordenaram que sofresse pena capital. Ao saber disso, o menino se escondeu numa caverna no fundo de uma montanha. Entretanto, sua mãe foi capturada e seu coração foi extraído por não delatar o paradeiro de seu filho. Ao saber do infortúnio, Xiang Tuo retornou à aldeia e ressuscitou a mãe ao colocar no lugar um coração de veado. Os soldados ao descobrirem a mulher com vida, capturaram-na novamente e torturaram-na, retirando sua vesícula biliar, símbolo da coragem para a tradição-

nal medicina chinesa. Outra vez, Xiang Tuo voltou para salvar sua mãe; dessa vez, ao lhe repor uma vesícula de coelho, animal considerado covarde. Naquele momento, Xiang Tuo foi capturado e os soldados não conseguiram levar a execução a cabo. Assim, esses intimidaram a mãe, que por ter uma coragem como a de um coelho, entregou o ponto fraco do filho: só podia ser morto com a palha de colmo. Logo os soldados apressaram-se a colher um tanto da gramínea e cortaram a sua cabeça. Dessa forma, constituiu-se a lenda de Xiang Tuo na região de Shandong, em que há *templos em sua homenagem*. Litogravuras encontradas nessa região retratam um menino com um carrinho na mão entre Confúcio e Laozi (?571 a.C.-?471 a.C.) em um lendário encontro. Muitos o identificam como Xiang Tuo (Figura 1).



Figura 1: Litogravura do encontro de Confúcio e Laozi.

Fonte e licença de uso concedida por: Jornal do Patrimônio Cultural da China, Seção 5 de 30 de março de 2012

Finalmente, encontramos o texto de partida em *Dongyuan Zazi Daquan* [东园杂字大全 Enciclopédia Dongyuan] no catálogo online da Biblioteca Nacional da França. O manual enciclopédico datado de 1804, publicado pela Academia de Letras de Guang-

zhou, compilou o texto anônimo acompanhado por uma ilustração de Confúcio em uma liteira, empurrado por um de seus discípulos. Um menino faz-lhe uma vênia e outros dois meninos brincam em frente de uma muralha de brinquedo (figura 2).

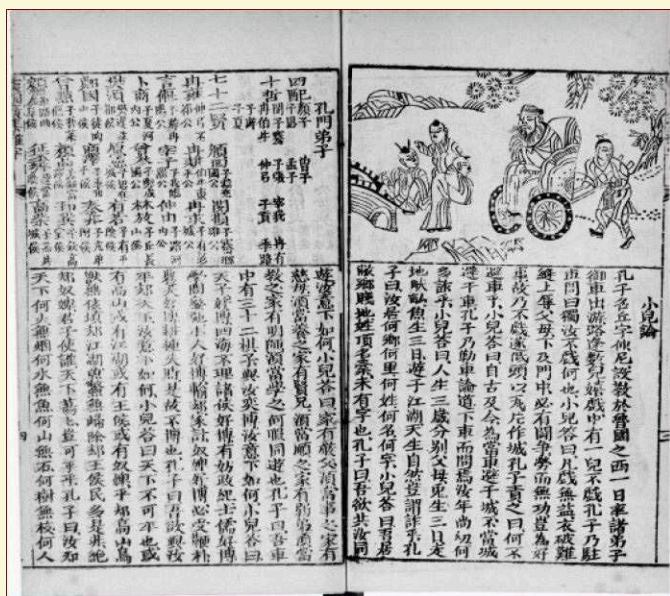


Figura 2: *fac-símile* do texto de partida (extrato)

Fonte: Dongyuan zazhi. Imagem com permissão de uso da Biblioteca Nacional da França

A análise da bibliografia sugere a “sabedoria” como um tema transversal a todas as narrativas, em que Xiang Tuo (ou meninos) pode ser tomado como metonímia de “sabedoria”. Quanto à função e ao sentido que esses textos tecem entre si, os dados corroboram a conclusão que a narrativa ficcional era utilizada como um recurso retórico para o fortalecimento da argumentação pelas escolas de pensamento, de maneira implícita (SCHMALTZ, 2007). Como comenta Granet, essa é uma das características da retórica das escolas

de pensamento chinês por “justapor os temas retirados das mais divergentes concepções, ou em empregar os raciocínios que permitem influir sobre o outro, sem que o próprio sujeito lhes aceite a legitimidade.” (1997, p.20).

O comentário do sinólogo francês é confirmado pelos paratextos encontrados nesta pesquisa. Os eruditos confucianos ortodoxos a partir da dinastia Song (960-1127) desconstituíram Xiang Tuo, alegando insuficiência de evidências documentais nos clássicos [confucianos] para a comprovação dos fatos citados em outras obras [daoístas], apesar de alguns comentaristas ressaltarem que “se foi assim registrado pelos homens da dinastia Han, deve ter embasamento” (FANG, apud WANG 2010, p.10). Assim, para os comentaristas confucianos, o diálogo travado entre Confúcio e o menino não passaria de mera conjectura de literatos de outras doutrinas. Contudo, é de se pensar que a negação desse conto estaria relacionada à afirmação do confucianismo, em um momento em que este foi tomada como doutrina oficial, e meninos que desafiam o *status quo não* seriam interessantes ao sistema. Note-se também que o perfil autodidata e crítico do menino também era desautorizado pelos preceitos confucianos, por poder levar ao questionamento da ordem e à exaltação do conhecimento inato, em prejuízo do adquirido pela diligência, o que é preconizado pela doutrina. De qualquer forma, os paratextos, as lendas, os templos e a litogravura são evidências que conferem certa importância ao Xiang Tuo em um determinado período histórico.

3. Tradução e adaptação de “Confúcio e o menino sem nome”

Para que o texto se adequasse ao perfil do leitor infantojuvenil brasileiro, adotamos uma tradução criativa a partir do texto de partida, considerando as diferenças do par de línguas e os paratextos encontrados. Acreditamos que a linguagem sintética do texto chinês clássico e a ausência do monólogo interior dos protagonistas, e carente de descrição, seria distante da tradição de recepção do

público alvo contemporâneo, como pode ser confrontada com a tradução interlinear e a tradução livre, abaixo (Fig.3):

Kǒngzǐ míng Qiū zì zhòngní . shè jiāo yú Lú guó zhī xī
 Confúcio nome Qiu cognome Zhongni . Estabelecer ensino em Lu reino de oeste
 'O nome de Confúcio é Qiu e o seu cognome é Zhongni. Ele ensinava ao oeste do reino de Lu.'

yī rì shuài zhū dìzǐ yù chē yóu fū Qín guó zhī dì
 um dia liderar muito discípulo conduzir carro visitar ir Qin reino de terra
 'Um dia, conduzindo uma liteira, ele liderou seus discípulos a uma visita ao reino de Qin'

lù fēng shù ér xī xī , zhōng yǒu yī ér
 caminho encontrar número criança brincar brincadeira centro ter um criança
 'encontrou no caminho várias crianças brincando, enquanto no centro havia uma'

bù xì . Kǒngzǐ zhù chē wèn yuē dá rú bù xì
 não brincar . Confúcio parar carro perguntar falar apenas você não brincar
 'que não brincava. Confúcio parou o carro e perguntou: "por que apenas você não está brincando?"'

hé yě xiǎo ér dá yuē fán xī wú
 Porquê INTER pequena criança responder dizer todo brincadeira sem
 'A criança respondeu: "por que não há benefício nas brincadeiras.'

yì . yī pò nán fēng shàng rú fāmǔ , xià jímén
 benefício . roupa rasgar difícil costurar acima ofender pais, abaixo discípulo
 'rasga-se as roupas e depois é difícil para se costurar, ofende-se os pais e prejudica-se os irmãos,

zhōng , bì yǒu dòu zhēng . lào ér wú gōng,
 atingir, certeza ter disputa briga . trabalho entretanto sem resultado,
 'provocando a discórdia. Cansa-se por nada,

qǐ wéi hǎo shì , gù nǎi bù xì .
 INTERR como bom assunto, por causa isso não brincar .
 'Como pode ser considerado divertido? Por isso, eu não brinco.'

suì dī tóu yǐ wǎ piàn zuò chéng .
 então abaixar cabeça usar telha fragmento fazer muralha .
 'Então, baixou a cabeça e pegou um pedaço de telha para fazer a muralha.'

Figura 3: Transliteração fonética do chinês, tradução interlinear e direta
 Fonte: Arquivo pessoal do autor (direitos de uso da imagem concedidos pelo autor)

O que chamei acima de tradução criativa pode ser interpretado como “adaptação”, por esta geralmente possuir omissões, reescritas, adições; contudo o texto pode ainda ser reconhecido como original do autor, já que se preservam as instâncias de enunciação, conforme sugere Milton (2009).

Ao considerarmos que Confúcio não faz parte da memória coletiva do sistema de recepção, grande parte da adaptação encontra-se na introdução do conto. Nela descrevemos a erudição e a diligência de Confúcio, com a introdução da voz de um narrador onisciente: “Confúcio estava muito cansado de ler e decidiu descansar um pouco. Mas o que fazer? Mesmo quando descansava, ele queria fazer alguma coisa.” (SCHMALTZ; CAPPARELLI, 2010:11). Para demonstrar o perfil professoral de Confúcio, preferimos permear o texto com o diálogo interno do Mestre, como: “achando que o som de sua voz serviria também para alertar o menino, pois, afinal de contas, o meio da estrada não é o melhor lugar para se brincar.” (2010, p.12). Para redigir a reação de Confúcio em relação às respostas do menino, fundimos o axioma de obediência filial “Que falta de respeito com os mais velhos” (2010) à adaptação do excerto de *O príncipe de Huainan* “o menino tinha dado uma boa resposta” (Ibid.), para fazer jus à imagem de sábio ao leitor infantojuvenil; porém, no nosso texto, recriamo-lo com uma personalidade mais afável, seja pelo tom mais coloquial “(...) agora vai se ver comigo” (Ibid.) ou “Você não perde uma!” (2010, p. 14), seja pela descrição realizada pelo narrador onisciente, com a finalidade de contextualizar o estado emocional das personagens: “Confúcio também gostava de brincar, só que com palavras e ideias” (2010), “Confúcio engoliu em seco” (2010, p. 13), “Ele [menino] tinha a resposta na ponta da língua”, “O menino riu novamente, como se achasse a pergunta muito fácil” (2010, p. 14), “Confúcio pareceu atordoado” (2010, p. 15), “Confúcio cada vez mais desorientado, calou-se, enquanto o menino fazia as últimas perguntas”, “Confúcio ficou nervoso” e “Confúcio pareceu cansado e suspirou” (2010, p. 17). Esses recursos também conferiram ritmo ao fluxo textual.

Com base nos paratextos elencados na seção anterior, em dois momentos, tomou-se a liberdade poética através da voz do menino. Criticamos a máxima confuciana de conformismo em “se todos os escravos fossem libertados, por que continuariam a lhe [Confúcio] pedir conselhos?” (2010, p. 15) e a subserviência da mulher ao homem em “O senhor me desculpe, mas só um louco diria que uma mulher está mais perto do marido do que do filho” (2010.).

Quanto ao título, preferimos “Confúcio e o menino sem nome” a uma tradução direta de outros títulos de textos encontrados, como *Xiang Tuo san nan Kongzi* [项橐三难孔子 Xiang Tuo desafia Confúcio por três vezes], *Kongzi yu Xiang Tuo xiangwen shu* [孔子与项橐相问书 Encontro de Confúcio e Xiang Tuo], *Xiao'er lun* [小儿论 Discurso de uma criança] ou até mesmo do título da tradução francesa “Le jeune maître de Confucius”. O título “Confúcio e o menino sem nome” parece estar de acordo com a tradição da tradução do gênero infantojuvenil do sistema de recepção brasileiro, ao elencar os personagens envolvidos na história (cf. *Branca de Neve e os sete anões*, *Os três porquinhos*, *A Bela e a Fera*, entre tantos outros). Torna-se, assim, mais atraente e interessante ao público alvo. Não adotamos o nome chinês do menino, por ser um nome desconhecido da grande audiência. Porém, essa criação foi inspirada pelo próprio argumento do impúbere ao Sábio que diz “E um menino, como eu, não tem nome” (Idem, p. 12). Sobre essa fala, acrescento que é uma adaptação de *xiao haizi you ming meiyou zi* [小孩子有名没有字儿。 Criança tem nome, mas não tem cognome], preferimos simplificá-la, por envolver conceitos distantes do conhecimento médio de nosso leitor-alvo. Pois, na Antiguidade chinesa, as pessoas possuíam vários nomes, entre eles, um de batismo e outro que escolhiam quando completavam 20 anos de idade. Assim, evitamos usar nota de rodapé, pelo tipo de público leitor a que se destina a tradução.

Conclusão

Neste artigo, descrevi o percurso para a preparação da tradução e adaptação de *50 fábulas da China fabulosa* e *Contos sobrenaturais chineses*. Mostrei resumidamente a pesquisa realizada quanto à cultura tradicional chinesa e a respectiva relação de doutrinas ortodoxas quanto ao papel da criança e ao desenvolvimento da literatura chinesa. O confucianismo é um dos alicerces desse sistema cultural e enfatiza o respeito ao rito, à ação civilizadora e à ordem. O discurso de cunho objetivo, realista e prático dessa doutrina foi levantado como uma das possíveis razões para a carência de obras com caráter lúdico na Antiguidade chinesa.

A tradução do conto “Confúcio e o menino sem nome” foi adaptada a uma linguagem lúdica e acessível, característica do gênero da literatura infantojuvenil, para despertar o interesse. Tendo como base paratextos relacionados ao encontro de Confúcio e Xiang Tuo.

Notas

1. Agradeço a Carlos Alberto Gohn e Paulo Francisco Coutinho pela leitura crítica do manuscrito.
2. Confúcio (551-479 a.C.) é a transliteração românica de *Kong-fu-zi* [孔夫子 Mestre Kong].
3. [子, 不, 語: , 怪、力、亂、神。] Os ideogramas são escritos em chinês simplificado e as transliterações fonéticas estão em *pinyin*. Todas as traduções são de responsabilidade da autora. As acepções ou traduções diretas do chinês para o português estão sinalizadas entre parênteses retangulares, enquanto as traduções livres estão entre aspas.

rén zhī chū xing běn shàn xing xiāng jìn xí xiāngyuǎn
4. [人之初，性本善，性相近，习相远。]

5. Popularmente grafado como *tao* e *taoísmo*. Trata-se de um axioma que se refere ao “Caminho”, ao “Tudo / Nada”. Por não se relacionar diretamente ao tema deste artigo, não aprofundarei o tema aqui (cf. GRANET, 1997).

shì xiǎo shuō yǐ gān xiàn lìng
6. [饰小说以干县令。c]

zhū zǐ shí jiā qí kě guān zhě jiù jiā ér yǐ
7. [诸子十家，其可观者九家而已。] Em *Anais dos Han* (206 a.C.- 24), os príncipes feudais do período foram divididos em dez Escolas de acordo com a sua doutrina filosófica: Confucionista, Daoista, Legalista, Moísta, Lógica, Yin-Yang, Estrategista, Eclética, Agrônômica e Novelista.

8. Não entrarei em maiores detalhes nessa discussão, por ela fugir do escopo dos propósitos deste artigo, contudo remeto a leitura de GRANET (1997).

9. Coleção de livros reunidos no reinado do imperador Qianlong (1736-1795) da dinastia Qing (1644-1911).

xī zhòng ní shī xiàng tuó gǔ shèng xián shàng qín xué
10. [昔仲尼，师项橐。古圣贤，尚勤学。]

11. Editado por Liu Xiang (77-6 a.C.). O livro de cunho histórico, registra em prosa os conselhos de guerra conferidos aos reis entre 475 a.C.-221 a.C., antes da unificação imperial da China.

gān luó yuē fū xiàng gāo shēng qī suì ér wéi kǒng zǐ shī jīn chén shēng shí
12. [甘罗曰：“夫项橐，囊生七岁而为孔子师，今臣生十

èr suì yú zī yǐ jūn qí shì chén xī yǐ jù yán chì yě
二岁于兹，矣！君其试臣，奚以遽言叱也？”]

13. Espécie de breviário daoísta destinado a iniciados. Compõe-se predominante de historietas simbólicas, apólogos e discussões (GRANET, 1997, p. 304). Quanto ao autor Liezi (século III a.C.), não há comprovação de sua existência e pouco se sabe sobre a sua vida.

shú wéi rǔ duō zhī hū
14. [“孰为汝多知乎？”]

15. Espécie de tratado e enciclopédia daoísta, em que se discutem os mais diversos saberes em vinte capítulos, como macrocosmo, microcosmo, atitude civilizatória, longevidade, entre outros, orientado para o sincretismo (LV, 1994).

16. Príncipe da família dos Han, que foi rei de Huainan de 164 a 122 a.C. Liu An figurou como mecenas e bibliófilo.

fū xiàng tuō qī suì wéi kǒng zǐ shī kǒng zǐ yǒu yǐ tīng qí yán yě yǐ
17. [夫项托七岁为孔子师，，孔子有以听其言也。，以

nián zhī shǎo wéi lú zhàng rén shuō jiù qiāo bù gěi hé dào zhī néng míng yě
年之少，为，闾，丈人说，救敲不给，何道之能明也？]

Referências

BAN, Gu. *Han Shu* [Anais de Han]. Disponível em: <http://ctext.org/han-shu/ens>.

BASSNET-MCGUIRE, Susan. *Estudos de Tradução*. Tradução de Sônia T. Gehring, Letícia V. Abreu e Paula A. R. Antinolfi. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

BRESNER, Lisa. *Contes Chinois, Le Bouvier et la Tisserande*. Paris: L'école des Loisirs, 2000.

CAPPARELLI, Sérgio; SCHMALTZ, Márcia. *50 Fábulas da China Fabulosa*. Porto Alegre: LP&M, 2007.

Cihai. Xangai: Shanghai Cishu, 1999.

Dongyuan Zazi [Enciclopédia Dongyuan]. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b9006527j/f8.image.langEN>

FAIRBANK, John; GOLDMAN, Merle. *China: uma nova história*. Tradução de Marisa Motta. Porto Alegre: LP&M, 2006.

GONG, Pengcheng. *Zhongguo Chuantong Wenhua Shiwu Jiang* [Quinze tópicos sobre a cultura tradicional chinesa]. Pequim: Peking University Press, 2006.

GRANET, Marcel. *O pensamento chinês*. Tradução de César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

JIANG, Feng; HAN, Jin. *Zhongguo Wenxue Shi* [História da Literatura Infantil da China]. Hefei: Anhui Jiaoyu Chubanshe, 1998.

LIE, Yukou. *Liezi*. Disponível em: <http://ctext.org/liezi/tang-wen/zhs>.

LIMA, Ronaldo; ORGADO, Gisele T.M.R. “Interpretar e traduzir a língua dos Smurfs”, in *Cadernos de literatura em tradução*, 12, p. 113-124, 2011.

LIU, An. *Huainan zi* [O príncipe de Huainan]. Disponível em: <http://ctext.org/huainanzi/xiu-wu-xun/zhs>

LIU, Xiang. *Zhan Guo Ce* [Estratégias dos Estados Combatentes]. Disponível em: <http://ctext.org/zhan-guo-ce/zhs>.

LV, Kai. *Huainan zi: shenxian daojia* [Huainan zi: o daoísta imortal]. Taipei: Shibao wenhua, 1995.

Lunyu [Analectos]. Disponível em: <http://ctext.org/analects>.

MILTON, John. Translation Studies and Adaptation Studies. In: PYM, Anthony; PEREKRESTENKO, Alexander (eds.) *Translation Research Projects 2*. Tarragona: Intercultural Studies Group, p. 51-58, 2009.

SCHMALTZ, Márcia. “Os três reis’: reflexões a partir de um conto não publicado”. In: *Cadernos de literatura em tradução* 12, p.173-186, 2011.

_____. “A literatura infantil chinesa da poesia à prosa: Uma história sem espaço à criança”. *Tigre Albino* 2(1), 2008. Disponível em: <http://www.tigrealbino.com.br/texto.php?idtitulo=1eb7c72bdf826fe4700f977b9658e5ef&&idvolume=-8019c0e24c8199c19b45b5b7170ec4e9>

_____. “Metáfora conceptual de tempo em fábula chinesa”. *Organon* 21, p. 35-52, 2007.

SCHMALTZ, Márcia; CAPPARELLI, Sérgio. *Contos sobrenaturais chineses*. Porto Alegre: L&PM, 2010.

TIAN, Guixiang; GUO, Bensi. “Zhang Tianyi de jiaohua qingjie” [O enredo moralizante das histórias infantis de Zhang Tianyi]. In: *Qilu Xuebao*, n.5, p. 103-105, 2007.

WALTY, Ivete. “Intertextualidade”, *E-Dicionário de Termos Literários*, coord. de Carlos Ceia. Disponível em: <http://www.edtl.com.pt>.

WANG, Yinglin. *Sanzijing* [Ode de três caracteres]. Disponível em: <http://ctext.org/three-character-classic/zhs>

WANG, Zijing. “Handai Qi Lu shentong” [Meninos prodígios de Qi e Lu da dinastia Han]. In *Qi Lu Wenhua Yanjiu*, disponível em: <http://www.qlwh.com/jidi/xinshu.asp?id=612>.

ZHANG, Lei (ed.) *Zhongguo Gudai Zhexue Dadian* [Clássicos da filosofia antiga chinesa]. Wuhan: Editora da Universidade Politécnica de Wuhan, 1989.

ZHOU, Shuren. “Zhongguo xiaoshuo shilue” [História concisa da literatura em prosa da China]. In: *Lu Xun Quanji* [Obra Completa de Lu Xun]. Pequim: Renmin Chubanshe, v.9, p.147-450, 1973.

Recebido em: 17/07/2015

Aceito em: 21/09/2015